

PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS-ADULTOS NO MERCADO DE TRABALHO: UMA ANÁLISE PARA O BRASIL, SUL E NORDESTE, EM 2019

Pedro Henrique Souza Nadú

Mestre em Economia Regional pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).


E-mail: phnadu73@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-4842-4625>

Vanessa Fortunato de Paiva

Mestre em Economia Regional pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).


E-mail: nepaiva@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-9163-8154>

Gabriela Gomes Mantovani

Doutoranda em Desenvolvimento Regional e Agronegócio pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

E-mail: gmmantovani@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-8382-5555>

Como citar este artigo: Nadú, P. H. S., Paiva, V. F. de, & Mantovani, G. G. (2022).

Participação dos jovens-adultos no mercado de trabalho: Uma análise para o Brasil, Sul e Nordeste, em 2019. *Revista de Economia Mackenzie*, 19(1), 115–144. doi:10.5935/1808-2785/rem.v19n1p.115-144

Recebido em: 30/08/2021

Aprovado em: 11/03/2022



Este artigo está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional

Resumo

Este estudo objetiva mensurar e analisar a probabilidade de inserção dos jovens-adultos no mercado de trabalho do Brasil, Sul e Nordeste. Foram utilizados os microdados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio Contínua (PNAD-C) de 2019 e o modelo *logit* multinomial, para estimar as probabilidades de os jovens-adultos estarem inativos, ocupados ou desocupados. Os resultados mostraram que os jovens-adultos apresentam maior probabilidade de estarem inativos ou desocupados, especialmente as mulheres e os não brancos. O grau educacional possibilita ao indivíduo oportunidades no mercado de trabalho, principalmente em famílias com rendas elevadas, já que o jovem-adulto recebe um suporte financeiro para dedicação exclusiva aos estudos. Os jovens-adultos sulistas, em geral, tiveram maiores probabilidades de desocupação e inatividade que os nordestinos, dado que os suportes financeiro e educacional estão mais presentes em seus domicílios.

Palavras-chave: desemprego dos jovens; desemprego; jovens; mercado de trabalho; *logit* multinomial.

Classificação *JEL*: J21, J24.

INTRODUÇÃO

O progresso tecnológico, a desigualdade socioeconômica e as mudanças estruturais pelas quais o mercado de trabalho vêm passando são alguns fatores que contribuem para a valorização do investimento em capital humano. Esse questionamento foi amplamente discutido em diferentes países e ganhou recentemente uma nova face mediante o aumento do contingente de trabalhadores qualificados que estão desempregados, principalmente os mais jovens (Corseuil et al., 2013).

A partir dos anos 2000, com o aumento de brasileiros concluindo o ensino médio e com o *boom* das universidades privadas e públicas, elevou-se o número de indivíduos semiquualificados e qualificados. Isso ocorreu devido à expansão dos cursos de nível médio/técnico e de graduação, mestrado e doutorado, tendo como propulsores os programas de financiamentos estudantis e a ampliação dos Institutos de Ensino Superior (IES), tanto privadas quanto públicas.

A educação ganhou maior destaque como um determinante para a ascensão social, proporcionando maiores oportunidades aos indivíduos no mercado

de trabalho, além de atuar como um mecanismo para impulsionar o desenvolvimento econômico (Becker, 1957; Schultz, 1961). Esses argumentos são notórios em diversas economias, em que, diante de cenários de recessões e crises econômicas, os investimentos em capital humano se tornam a saída para situações adversas.

No Brasil, a taxa de desemprego apresentou uma trajetória de declínio de 2003 até meados de 2014, retornando o crescimento desde então. Os trabalhadores com qualificação intermediária e superior foram os grupos mais atingidos pelo desemprego, caracterizados pela baixa absorção de mão de obra no mercado de trabalho, principalmente de jovens. Esse fenômeno econômico afetou inclusive as macrorregiões populosas, Sul e Nordeste, com características socioeconômicas diferentes (Nadú, 2018).

O Brasil, ainda não recuperado da crise dos anos anteriores, foi marcado com altas taxas de desemprego no ano de 2019. As regiões que revelaram as maiores taxas de desemprego foram Sudeste (12,2%) e Nordeste (14,4%), enquanto a macrorregião Sul apresentou a menor taxa (7,8%) entre os recortes regionais (Ipeadata, 2020). Entre os mais afetados pela desocupação, estão os jovens de 18 a 24 anos de idade (25,20%) e os de 25 a 39 anos (10,70%), registrando taxas muito superiores aos demais desocupados em todas as macrorregiões brasileiras (Ipea, 2019).

Cabe destacar que a ocupação, a desocupação e a inatividade no mercado de trabalho são fenômenos econômicos que afetam todos os grupos demográficos, mas acabam sendo mais intensos e desafiadores para os jovens. As justificativas para esse acontecimento se concentram na heterogeneidade exposta pelos jovens, sejam as diferentes faixas etárias contidas no grupo, ou por características capazes de refletir as oscilações econômicas de forma específica.

Assim, jovens com idades entre 14 e 17 anos têm maiores ou menores probabilidades de estarem em uma determinada categoria no mercado de trabalho – inativo, ocupado ou desocupado –, da mesma forma que acontece com os jovens nas faixas etárias de 18 a 24 anos e de 25 a 29 anos de idade (Nadú et al., 2018).

Para estudar de forma mais cuidadosa o grupo dos jovens, é necessário dividi-los em faixas etárias diferentes. No Brasil, a literatura geralmente aborda os jovens com idade entre 16 e 24 anos ou subdividindo essa faixa em mais grupos, enquanto os que têm entre 25 e 29 anos de idade quase não ganham destaque nos estudos. Segundo o IPEA (2008), a expansão da faixa dos jovens até 29 anos de idade, no grupo de jovens, é recente e deve-se ao envelhecimento da população e à dificuldade desses indivíduos em ganhar autonomia

no mercado de trabalho. Sendo assim, este estudo pretende estimar e analisar, com base no modelo logístico multinomial, a participação dos jovens com idade entre 25 e 29 anos (jovens-adultos) no mercado de trabalho nacional, do Sul e do Nordeste, utilizando os microdados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio Contínua Anual (PNAD-C) de 2019.

Este trabalho pretende responder às seguintes questões: quais são os determinantes para a participação dos jovens-adultos no mercado de trabalho nacional, do Sul e do Nordeste? Qual é a probabilidade de os jovens-adultos se encontrarem inativos, ocupados e desocupados, dado o nível de qualificação?

Este trabalho está organizado com uma introdução e mais três seções. Na primeira, reúnem-se os argumentos teóricos e informações empíricas acerca do assunto. Na segunda, têm-se um breve resumo da base de dados utilizada, a identificação e a determinação das variáveis qualitativas e quantitativas incluídas no modelo *logit* multinomial, bem como uma explicação desse e os testes econométricos aplicados. Na terceira, são analisados os dados sobre os perfis dos jovens-adultos no mercado de trabalho e as estimações do modelo econométrico para compreender melhor o assunto.

1

TEORIA DO CAPITAL HUMANO E OS JOVENS NO MERCADO DE TRABALHO

A teoria do capital humano emergiu entre as décadas de 1950 e 1960 dando ênfase ao investimento em educação, tanto em economias capitalistas quanto em socialistas. Tal enfoque enuncia que a qualificação dos indivíduos deve ser vista como uma condição para se inserir na sociedade e, também, como propulsora de desenvolvimento econômico. O salário e o nível de escolaridade da mão de obra estão relacionados independentemente do setor em que o trabalhador esteja alocado. Assim, o salário do trabalhador tende a aumentar conforme eleva-se o investimento em qualificação por parte do empregado. A economia seria capaz de crescer à medida que os indivíduos investissem em capital humano; diante disso, o investimento em educação elevaria a produtividade dos trabalhadores e os lucros das empresas (Becker, 1957; Schultz, 1961).

No fim da década de 1960 e início de 1970, surgiram diversas críticas sobre a teoria do capital humano contestando algumas premissas (Lima, 1980).

Entre elas está a grande importância dada por Becker (1957) e Schultz (1961) ao investimento produzido em capital humano, sem apontar de maneira apropriada as diferenças entre as rendas e negligenciando as características pessoais dos trabalhadores. Tais contrapontos à teoria explicitaram que o capital humano pode ser adquirido de outras formas além do investimento em educação formal, como as habilidades cognitivas, o treinamento e as atitudes, por exemplo. Essas características podem ajudar a explicar a disparidade de rendimentos. Por isso, se o capital humano é composto pelos atributos do indivíduo, afirmar que tal teoria é resultado apenas do investimento em qualificação não é aceitável.

Além disso, a teoria do capital humano pressupõe a continuidade no mercado de trabalho e a perfeita mobilidade dos indivíduos entre os postos de trabalho à medida que esses adquiram mais capital humano. Os atributos pessoais dos trabalhadores também determinam suas oportunidades no mercado; eles aumentam suas chances no mercado de trabalho de acordo com seus diferentes atributos produtivos e não produtivos (Lima, 1980; Muls, 1999).

Castells (1999) destacou a transição de um novo significado da teoria do capital humano, ou seja, à medida que a qualificação deixou de ser apenas um fator de desenvolvimento econômico, mas de integração social, a escolaridade tornou-se um instrumento primordial de inserção dos indivíduos no mercado de trabalho – não especificada como garantia, mas, sim, como requisito para a possibilidade de obter um emprego.

Empiricamente, existe um conjunto de autores que abordaram a inatividade, a ocupação e a desocupação dos jovens e da população em geral e analisaram o impacto do nível de qualificação desses indivíduos nos mercados de trabalho internacional e nacional em diferentes estudos, como exposto no Quadro 1. Tais pesquisas evidenciaram que o nível de qualificação reduz as chances de inatividade e desemprego dos indivíduos (Fernandes & Picchetti, 1999; Silva & Kassouf, 2002; Camargo & Reis, 2005; Dagume & Gyekye, 2016; Ndagijimana et al., 2018; Alawad et al., 2020), mas que ser qualificado não é suficiente para garantir uma vaga no mercado de trabalho.

Deve-se atentar também a outras características dos indivíduos, como o gênero, a cor da pele, a idade, a localização geográfica, a posição no grupo familiar e a origem social, pois esses fatores sociodemográficos exercem influência no nível de emprego dos jovens (Silva & Kassouf, 2002; Cunha et al., 2011; Ndagijimana, et al., 2018; Alawad et al., 2020).

Quadro 1 Síntese dos trabalhos empíricos

Autor(es)	Grupo de estudo	Base de dados	Método	Principais resultados
Dagume e Gyekye (2016)	Indivíduos de 15 a 34 anos de idade.	Amostra Primária de 2013 – Distrito de Vhembe na província de Limpopo (África do Sul).	Logit binomial	<ul style="list-style-type: none"> Jovens treinados e experientes possuem chances reduzidas de desemprego. A ausência desses fatores é uma das justificativas do desemprego juvenil.
Ndagijimana et al. (2018)	Jovens-adultos de 20 a 24 anos de idade.	National Institute of Statistics em Ruanda.	Logit multinomial	<ul style="list-style-type: none"> O gênero, idade, educação e localização geográfica influenciam o nível de jovens empregados. A taxa de desemprego dos jovens era mais elevada e suas condições de trabalho eram piores do que as dos idosos, acarretando elevados custos econômicos e sociais.
Verd et al. (2019)	Pessoas de 15 a 34 anos de idade.	Enquesta a la Joventut de Catalunya de 2007 a 2012 – Catalunha (Espanha).	Logit multinomial	<ul style="list-style-type: none"> As trajetórias de carreira estão associadas a diferentes perfis sociais e de desemprego. As trajetórias do emprego temporário apresentam níveis de desemprego e instabilidade elevados, diferentes das trajetórias do emprego estável e do emprego não assalariado. As características sociodemográficas têm peso menor para as trajetórias com desemprego de curta duração em comparação com trajetórias de emprego estável.
Alawad et al. (2020)	Jovens de 15 a 34 anos de idade.	Jordan Labor Market Panel Survey (JLMPS) em 2016 – Jordânia.	Logit multinomial	<ul style="list-style-type: none"> O emprego jovem é influenciado pelo gênero, nível educacional, localização geográfica e estado civil. As probabilidades menores de desemprego são para os jovens com curso superior, do sexo masculino e casados, porém, maiores para aqueles que vivem na região Sul.
Fernandes e Picchetti (1999)	Indivíduos com 10 anos de idade ou mais, residentes nas áreas metropolitanas.	PNAD 1995 – Brasil (exceto Brasília).	Logit multinomial	<ul style="list-style-type: none"> Formato de “U-invertido”: as probabilidades de desemprego são crescentes para os indivíduos com até 9 anos de estudo e tornam-se decrescentes com o aumento da escolaridade. Parte do aumento da probabilidade de desemprego se deve à força de trabalho elevar-se juntamente aos anos de estudos, porém a probabilidade de inatividade da população tende a reduzir-se mediante o aumento da escolarização.

(continua)

Quadro 1 Síntese dos trabalhos empíricos (continuação)

Autor(es)	Grupo de estudo	Base de dados	Método	Principais resultados
Silva e Kassouf (2002)	Jovens entre 15 e 24 anos de idade.	PNAD 1998 – Brasil.	Logit multinomial	<ul style="list-style-type: none"> O aumento da escolaridade reduz a probabilidade de desemprego dos jovens urbanos. Os jovens residentes nas áreas rurais possuem probabilidades maiores de desemprego por serem mais seletivos. A experiência contribui para reduzir a probabilidade de desemprego dos jovens nas regiões urbanas, no entanto, ocorre o inverso para as jovens mulheres nas áreas rurais. A probabilidade de desemprego e render familiar são inversamente proporcionais.
Flori (2003)	Jovens de 14 a 24 anos de idade.	PME de 1983 a 2002 – PME.	Decomposição da taxa de desemprego e matrizes de transição	<ul style="list-style-type: none"> As maiores taxas de desemprego são encontradas pelos jovens devido à dificuldade de conseguir o primeiro emprego. A educação inadequada desse grupo frente às exigências dos empregadores, e o impacto ocasionado pela evasão escolar na formação de capital humano.
Camargo e Reis (2005)	Trabalhadores de 18 a 69 anos de idade.	PNAD 1999 – Brasil.	Índices de Gini e de Theil-L; regressões da taxa de desemprego	<ul style="list-style-type: none"> A alta taxa de desemprego é verificada até mesmo quando o grupo de jovens possui elevado nível de qualificação. A relação do nível de escolaridade dos trabalhadores com a taxa de desemprego aberto no Brasil apresenta um formato de “U-invertido”.
Reis e Camargo (2007)	Indivíduos urbanos, de 18 a 59 anos de idade e que fazem parte da força de trabalho.	PNAD de 1981 a 2002 – Brasil.	Regressões para a taxa de desemprego	<ul style="list-style-type: none"> As reduções ocorridas nas taxas de inflação tendem a gerar elevação do desemprego agregado e redução da duração média do emprego. Há uma maior rigidez salarial para os jovens de 18 a 20 anos, ocasionada pela incerteza dos empregadores mediante a produtividade do trabalho dos jovens. As incertezas dos empregadores são reduzidas pelas informações sobre o desempenho dos jovens trabalhadores.
Tomás et al. (2008)	Não especificado	PME de 1983 a 2001 – Regiões Metropolitanas.	Método <i>singulate mean age</i> e tabelas de sobrevivência	<ul style="list-style-type: none"> Adiamento dos jovens de ingresso no mercado de trabalho prolongando seu tempo de inatividade, justificada pela dedicação aos estudos e pelas barreiras impostas pelo mercado de trabalho. As mudanças culturais pelas quais a sociedade vem passando também contribuem como um mecanismo para adiar a entrada de jovens na vida adulta.

(continua)

Quadro 1

Síntese dos trabalhos empíricos (conclusão)

Autor(es)	Grupo de estudo	Base de dados	Método	Principais resultados
Cunha et al. (2011)	Jovens de 16 a 29 anos de idade.	PNAD 2007 – Regiões metropolitanas de Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre.	Logit multinomial	<ul style="list-style-type: none"> • A inatividade ocorre com maior frequência no grupo formado pelos jovens, principalmente entre os que ainda estudavam ou que eram cônjuges. • A probabilidade de inatividade e de desemprego decresce à medida que os indivíduos envelhecem. • A probabilidade de desemprego dos jovens aumentava para aqueles que ainda estudavam até atingir um ponto máximo – e decrescia a partir de então (U invertido). • A experiência é uma variável de soma importância para obtenção de um emprego, evidenciando que quanto maior a experiência de um trabalhador, menor a probabilidade de estar desempregado ou inativo.
Santos e Gimenez (2015)	Não especificado.	Censo 2010; PNAD's entre 2003 e 2015; e PME de 2003 a 2015.	Estatística descritiva	<ul style="list-style-type: none"> • A população de jovens representa uma alta taxa de participação no mercado de trabalho nacional quando comparada à de outros países. • A elevada taxa de participação dos jovens é associada no Brasil às formas degradantes de trabalho e isso impacta de maneira negativa as condições educacionais desse grupo da população.

Fonte: Elaborado pelos autores.

O desemprego é um fenômeno que atinge mais os jovens do que a população em geral em todo o mundo, tanto nas economias desenvolvidas quanto nas em desenvolvimento (Flori, 2003). Os estudos internacionais enfatizam as altas taxas de desemprego entre os jovens quando comparados aos outros grupos demográficos (Dagume & Gyekye, 2016; Ndagijimana et al., 2018; Verd et al., 2019; Alawad et al., 2020). As pesquisas destacaram que quando o jovem possui qualificação e experiência, as chances de estar desempregado são reduzidas. Com isso, a falta da experiência profissional, treinamento, habilidades ou nível educacional necessário tornam-se os principais determinantes que influenciam o desemprego entre os jovens (Dagume & Gyekye, 2016).

Além das variáveis relacionadas ao capital humano do trabalhador, outros fatores interferem no nível de desemprego do grupo de estudo, como o gênero, idade, estado civil e localização geográfica (Ndagijimana et al., 2018; Verd et al., 2019). A desigualdade entre os perfis sociais e econômicos motiva a formação de barreiras específicas para a inserção do jovem no mercado de trabalho, comportamento enfrentado de forma distinta pelos adultos ou idosos (Ndagijimana et al. 2018).

A literatura brasileira, assim como a internacional, tem contemplado estudos sobre a inatividade, a ocupação e a desocupação dos jovens. De forma geral, identificou-se que, com o aumento da escolaridade dos indivíduos, a probabilidade de estar desempregado é reduzida. Contudo, em determinado ponto o nível de qualificação passa a ter retornos decrescentes, o que significa que ao mesmo tempo em que a escolaridade dos indivíduos aumenta, a probabilidade de desemprego decresce, tendo assim formato de U invertido (Fernandes & Picchetti, 1999; Camargo & Reis, 2005; Cunha et al., 2011). Dessa forma, a alta taxa de desemprego é verificada até mesmo quando o grupo de jovens tem elevado nível de qualificação (Camargo & Reis, 2005).

Parte do aumento da probabilidade de desemprego está associada à força de trabalho, visto que ela eleva-se juntamente com os anos de estudo, sobretudo em relação aos menos qualificados. Por outro lado, a probabilidade de inatividade da população tende a reduzir-se mediante o aumento da escolarização (Fernandes & Picchetti, 1999).

Outro ponto investigado por Reis e Camargo (2007) foi que a estabilização da inflação brasileira teria aumentado o nível de desemprego dos jovens de forma mais intensa do que o dos adultos. Verificaram que as reduções ocorridas nas taxas de inflação tendem a gerar elevação do desemprego agregado e a redução da duração média do emprego. O grupo demográfico mais vulnerável foram os jovens de 18 a 20 anos devido à maior rigidez dos salários e pela

incerteza dos empregadores mediante a produtividade do trabalho desses jovens. Contudo, à medida que os empregadores adquirem mais informações sobre o desempenho dos trabalhadores jovens no mercado de trabalho, vão se reduzindo suas incertezas.

O padrão de inserção dos jovens é justificado pelo dinamismo do mercado de trabalho, que facilitou a entrada de mão de obra jovem e a obtenção do primeiro emprego. A população de jovens representa uma alta taxa de participação no mercado de trabalho nacional quando comparada à de outros países da América Latina (OIT, 2020). Essa elevada taxa de participação dos jovens é associada no Brasil às formas degradantes de trabalho e isso impacta de maneira negativa as condições educacionais desse grupo da população (Santos & Gimenez, 2015).

Considerando as regiões metropolitanas, Tomás et al. (2008) identificaram o adiamento dos jovens em ingressar no mercado de trabalho. A tendência de prorrogação do ingresso no mercado de trabalho é prolongada pelo tempo de inatividade dos jovens, a qual é explicada pela dedicação integral aos estudos, assim como pelas barreiras impostas pelo mercado de trabalho. Além dos estudos, as mudanças culturais pelas quais a sociedade vem passando também contribuem como um mecanismo para adiar a entrada de jovens na vida adulta (Tomás et al., 2008).

A maioria dos indivíduos em busca de uma oportunidade de emprego está concentrada nas faixas etárias mais jovens da sociedade. Isso implica que as maiores taxas de desemprego verificadas no mercado de trabalho para os jovens ocorrem porque, em parte, eles têm maiores dificuldades de conseguir o primeiro emprego. A educação inadequada dos jovens brasileiros frente às exigências dos empregadores e o impacto ocasionado pela evasão escolar na formação de capital humano são outros fatores que elevam o desemprego desse grupo.

Por outro lado, a qualificação dos jovens pode afetar a taxa de desemprego porque esses jovens passam a ter maiores exigências quanto ao cargo pretendido. Desse modo, o aumento do nível de qualificação juvenil pode não estar minimizando o problema do desemprego, uma vez que o tempo de procura por uma colocação estável no mercado de trabalho para o jovem qualificado acaba sendo maior. O aumento da escolaridade dos jovens, nesse aspecto, não tem uma relação tão linear e direta com o desemprego em geral, mas é importante para o desenvolvimento da economia e do nível de produtividade (Flori, 2003).

Diante disso, este trabalho tem como foco o mercado de trabalho dos jovens-adultos no Brasil, no Sul e no Nordeste, visto que em 2019 o Sul obteve a menor taxa de desemprego (7,8%), ao mesmo tempo em que o Nordeste obteve a maior taxa (14,4%) (Ipeadata, 2020). Para determinar as probabilidades de ocupação, desocupação e inatividade desse grupo demográfico, utilizou-se o modelo *logit* multinomial, que está exposto na próxima seção.

2 METODOLOGIA

■ 2.1 Base de dados e determinação das variáveis do modelo econométrico

Para a realização deste estudo, foram empregados os microdados da primeira entrevista da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD-C) para o Brasil e as macrorregiões Sul e Nordeste no ano de 2019. Considerando que o país é marcado por heterogeneidades e particularidades, tal fato pode ser evidenciado mediante uma análise regional entre o Sul e o Nordeste. O Sul é qualificado como uma região dinâmica, desenvolvida e com a menor taxa de desemprego (7,8%) do país em 2019 (Ipeadata, 2020), enquanto o Nordeste é caracterizado como uma região mais atrasada e com a maior taxa de desemprego (14,5%) em 2019 (Ipeadata, 2020). Diante disso, é necessário observar especificidades do mercado de trabalho de ambas as regiões, com objetivo de aperfeiçoar as políticas públicas para a inclusão dos indivíduos jovens-adultos no mercado de trabalho.

As características dos jovens-adultos escolhidas para o modelo e que impactam o resultado da probabilidade de participação desses brasileiros no mercado de trabalho referem-se a: gênero, cor da pele, experiência, experiência ao quadrado, ser chefe de família, ser cônjuge na família, ser filho do responsável do domicílio e residir em área urbana ou rural. Essas variáveis estão expressas no Quadro 2.

Quadro 2

Variáveis explicativas do modelo *logit* multinomial

Característica	Variável	Tipo/descrição
Sexo	Homem	Omitida
	Mulher	Dummy: igual a 1 e 0 caso contrário
Cor ou raça	Branco	Omitida
	Não branco	Dummy: igual a 1 e 0 caso contrário
Condição na família	Chefe	Dummy: igual a 1 e 0 caso contrário
	Cônjuge	Dummy: igual a 1 e 0 caso contrário
	Filho	Dummy: igual a 1 e 0 caso contrário
Região censitária	Rural	Omitida
	Urbano	Dummy: igual a 1 e 0 caso contrário
Experiência	Experiência	Contínua
Experiência ¹	Experiência ²	Exp. ao quadrado – Contínua
Níveis de qualificação		
Nível de escolaridade	Sem instrução	Omitida
	Fundamental	Dummy: igual a 1 e 0 caso contrário
	Médio	Dummy: igual a 1 e 0 caso contrário
	Superior	Dummy: igual a 1 e 0 caso contrário
Classes sociais		
Classes sociais	Classe A	Dummy: igual a 1 se for acima de 20 SM e 0 caso contrário
	Classe B	Dummy: igual a 1 se for de 10 a 20 SM e 0 caso contrário
	Classe C	Dummy: igual a 1 se for de 4 a 10 SM e 0 caso contrário
	Classe D	Dummy: igual a 1 se for de 2 a 4 SM e 0 caso contrário
	Classe E	Omitida

Fonte: Elaborado pelos autores.

Notas: (1) Considerou-se o salário-mínimo de 2019 (R\$ 998,00) para estratificação dos indivíduos em classes sociais; (2) A variável experiência é obtida subtraindo da idade do indivíduo a idade em que começou a trabalhar. Em seguida, são subtraídos cinco anos referentes à idade média em que os brasileiros ingressam na escola.

A criação da variável dependente do modelo *logit* multinomial contempla os indivíduos que estavam fora do mercado de trabalho, ou seja, estavam inativos durante o período analisado; e, também, aqueles que estavam em busca

de trabalho, sendo eles ocupados e desocupados. Considera-se ocupado (ou empregado) aquele trabalhador que exercia alguma atividade remunerada na semana de referência. Os desocupados (ou desempregados) são aqueles que não estavam trabalhando, mas desejavam estar e tinham buscado por uma vaga ao menos uma vez nos últimos 30 dias da data da entrevista. As equações foram estimadas condicionadas à faixa etária dos jovens com idade entre 25 e 29 anos, denominados jovens-adultos. O modelo econométrico também foi condicionado às macrorregiões Sul e Nordeste, e foi elaborada uma equação geral para os jovens-adultos brasileiros.

■ 2.2 Modelo *logit* multinomial

A análise da probabilidade de participação dos jovens-adultos no mercado de trabalho em 2019 foi elaborada com base no modelo econométrico *logit* multinomial. Esse modelo permite analisar a probabilidade de participação no mercado de trabalho dadas as características (variáveis independentes), sendo que a variável dependente é multinomial. Foram estimadas três regressões para a probabilidade de participação no mercado de trabalho, sendo uma para os jovens-adultos para o território nacional e outras duas para as regiões Sul e Nordeste.

Nesse modelo a variável dependente (Y_i) é definida como uma resposta atual, em que Y_i é igual a 0 quando o indivíduo se encontra inativo, 1 ocupado e 2 quando for desocupado. Os valores dos β_m representam os parâmetros estimados dados pelos impactos das mudanças das diferentes variáveis explicativas do modelo, resultando na probabilidade de um indivíduo da amostra participar do mercado de trabalho.

O modelo *logit* multinomial pressupõe que exista k categorias para a variável independente, em que a categoria 1 é tida como base de análise, conforme indica a equação a seguir (Greene, 2017):

$$p_i = \Pr(y_i = 1) = \begin{cases} p_i = \Pr(y_i = 1) = \frac{1}{1 + \sum_{m=2}^k e^{(x_i \beta_m)}}, & \text{se } i = 1 \\ p_i = \Pr(y_i = 1) = \frac{1e^{(x_i \beta_m)}}{1 + \sum_{m=2}^k e^{(x_i \beta_m)}}, & \text{se } i > 1 \end{cases} \quad (1)$$

De acordo com a Equação (1), i refere-se ao número de equações do modelo, x_i corresponde ao vetor de características explicativas, como gênero, cor da pele, nível de qualificação e outras, associadas à observação j , e β_m é o vetor de coeficientes das categorias ou parâmetros estimados.

Assim, reescrevendo a Equação (1) e empregando as variáveis dependentes e independentes expostas no Quadro 1, tem-se:

$$\begin{aligned} p_i &= \Pr(y_i = 1) \\ &= \beta_0 + \beta_1 M + \beta_2 NB + \beta_3 CH + \beta_4 CO + \beta_5 F + \beta_6 EXP + \beta_7 EXP^2 \\ &\quad + \beta_8 URB + \beta_9 CA + \beta_{10} CB + \beta_{11} CC + \beta_{12} CD + \beta_{13} EF + \beta_{14} EM \\ &\quad + \beta_{15} ES + \mu_i \end{aligned} \quad (2)$$

Após a estimação do modelo *logit* multinomial, os resultados obtidos dos *odds-ratio* podem ser convertidos em *Relative Risk Ratios* (RRR), resultando em um incremento percentual das chances, ou das possibilidades, de os indivíduos das amostras participarem do mercado de trabalho. A probabilidade de mudança da categoria-base para a categoria a ser analisada, em função das variações das características individuais dos membros das amostras (Mendonça et al., 2012), pode ser expressa por:

$$(odds - 1) \times 100 \quad (3)$$

Assim, ao aplicar-se essa equação, obtém-se a probabilidade de os jovens-adultos participarem do mercado, mediante as variações das características individuais. Em geral, é comum na literatura converter os parâmetros obtidos no modelo em efeitos marginais (EM), visto que tais parâmetros não são interpretados diretamente. Os EM são expressos dadas as probabilidades de participação no mercado trabalho, em que:

$$\frac{\delta(\Pr(y_i = 1))}{\delta y_j} = \Pr[y_i = 1] \left(\beta \sum_{m=2}^k \beta_k \Pr[y_i = K | Y] \right) \quad (3)$$

Cabe ressaltar que os coeficientes estimados pelo EM não têm, necessariamente, os mesmos sinais obtidos pelos parâmetros do modelo (Greene, 2017).

3

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

■ 3.1 Perfil dos jovens-adultos brasileiros, sulistas e nordestinos

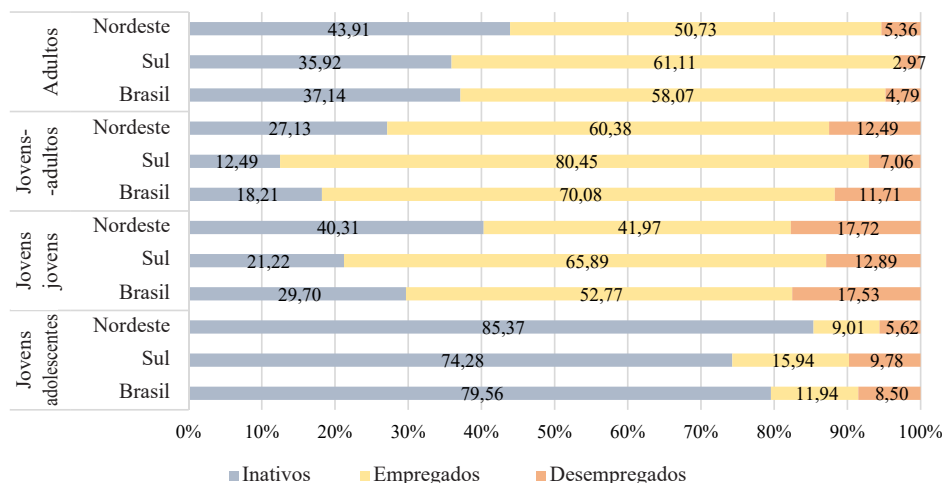
Nas gerações atuais, os apoios familiar e financeiro permitem que os jovens dediquem-se exclusivamente aos estudos, sem a necessidade de trabalhar para o próprio sustento. Tal ação contribui consideravelmente para aumentar a taxa de inatividade, já que a busca pelo emprego é adiada durante o período de estudos. Os jovens-adultos brasileiros apresentaram a menor taxa de indivíduos inativos (18,21%) em relação aos demais grupos etários.

O grupo dos adultos também possui uma taxa de inatividade alta, justificada pela presença de aposentados e idosos (37,14%), pois, em decorrência da idade ou condição de saúde, grande parte dos idosos não prorroga o tempo de trabalho ou de a busca por outra ocupação (Gráfico 1). Ressalta-se que a diferença de conceito entre desempregado e inatividade é justamente a procura por um emprego na semana de referência da pesquisa.

A taxa de empregabilidade, no entanto, é maior para os jovens-adultos (70,08%) do que para os outros grupos, e a taxa de desemprego elenca-se como a segunda mais alta entre as quatro faixas etárias analisadas (11,71%). O comportamento das taxas de inatividades, empregos e desempregos dos jovens-adultos brasileiros também pode ser visto nas macrorregiões Sul e Nordeste (Gráfico 1).

Gráfico 1

Percentual de inativos, empregados e desempregados por faixa etária no Brasil, Sul e Nordeste em 2019



Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados da PNAD-C anual de 2019.

Notas: (1) jovens adolescentes: 14 a 17 anos; (2) jovem-jovem: 18 a 24 anos; (3) jovens-adultos: 25 a 29 anos; (4) adultos: 30 a 69 anos.

Os jovens-adultos concentram-se no grupo dos brasileiros, em geral, bem como no dos sulistas e nordestinos com os maiores índices de empregabilidade quando comparados às demais faixas etárias. Dessa forma, é de suma importância destacar as características produtivas e não produtivas desses jovens. Como mostra o Ipea (2019), as taxas de inatividade e desemprego são maiores para a região Nordeste quando comparadas às da região Sul, além de os jovens-adultos terem as maiores probabilidades, em relação às outras faixas etárias (Gráfico 1), de estarem desempregados mediante a baixa experiência no mercado de trabalho, uma vez que em momentos de recessões econômicas e crises os adultos levam vantagem em manter o próprio emprego. Esse fato pode ser um indício de que as empresas, ao fazerem as demissões, prezam pela manutenção dos indivíduos experientes no trabalho, além de manter o emprego de parte dos trabalhadores que são responsáveis pelo sustento da família.

No tocante ao perfil dos jovens-adultos – com idade entre 25 e 29 anos –, observa-se que, em 2019, havia mais jovens-adultas do que jovens-adultos do

sexo masculino, no Sul (50,49%) e Nordeste (52,68%), assim como no Brasil (51,75%). Em relação à cor de pele, os jovens-adultos não brancos são maioria no Nordeste e no território nacional, sendo que os nordestinos representam a maior discrepância entre a população branca (23,74%) e não branca (76,26%) (Tabela 1).

Tabela 1

Perfil dos jovens-adultos no Brasil, Sul e Nordeste em 2019 (%)

Variáveis	Brasil	Sul	Nordeste
Mulher	51,75	50,49	52,68
Homem	48,25	49,51	47,32
Não branco	58,87	28,46	76,26
Branco	41,13	71,54	23,74
Chefe	30,05	33,82	30,14
Cônjuge	24,12	26,75	25,03
Filho	34,88	36,41	38,33
Experiência*	10,23	9,90	11,00
Urbano	87,46	88,91	76,95
Sem instrução	1,02	0,89	1,79
Ens. Fundamental	20,69	19,18	27,33
Ens. Médio	48,39	45,29	48,92
Ens. Superior	29,89	34,64	21,96
Classe A	1,85	1,96	1,23
Classe B	5,93	7,6	2,83
Classe C	27,91	38,17	13,79
Classe D	32,69	35,58	30,21
Classe E	31,62	16,69	51,95

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados da PNAD-C anual de 2019.

Notas: (1) (*) refere-se aos anos médios de experiência no mercado de trabalho; (2) Número de observações de jovens-adultos: 30.906 no Brasil; 4.979 no Sul; e 10.509 no Nordeste; (3) Considerou-se o salário-mínimo de 2019 (R\$ 998,00) para estratificação dos indivíduos em classes sociais; (4) As classes sociais se basearam na classificação do IBGE (Rosa et al. 2014); (5) classe A = acima de 20 salários-mínimos; classe B = de dez a 20 salários-mínimos; classe C = de quatro a dez salários-mínimos; classe D = de dois a quatro salários-mínimos; classe E = até dois salários-mínimos.

Entre os jovens-adultos que são chefes no domicílio, a média do Sul (33,82%) supera as médias brasileira (30,05%) e nordestina (30,14%). Essa mesma tendência é verificada entre os jovens-adultos cônjuges, em que 26,75% dos jovens-adultos são cônjuges no domicílio de referência, contra 24,12% no Brasil e 25,03% no Nordeste. Quanto aos jovens-adultos que são filhos dos responsáveis pelo domicílio de referência, a região Nordeste apresenta a maior proporção de indivíduos nessa situação (38,33%), superando o Brasil (34,88%) e o Sul (36,41%). Esses resultados são evidências de que os jovens-adultos ainda continuam compartilhando a mesma residência com os responsáveis pelo domicílio, seja pela comodidade ou até mesmo pela dificuldade de inserção no mercado de trabalho e até se tornarem independentes (Tabela 1).

A experiência média no mercado de trabalho é maior para os jovens-adultos nordestinos, 11 anos, enquanto no Sul e no Brasil os jovens na mesma faixa etária possuíam aproximadamente 10 anos de experiência. Esse resultado sinaliza, por um lado, que os jovens nordestinos entram no mercado de trabalho com idades menores do que aqueles que residem no Sul e no país em geral. Por outro, pode ser que os jovens do Sul gastem mais tempo dedicando-se aos estudos e prorrogando sua inserção no mercado de trabalho. Ressalta-se que talvez haja necessidades particulares de o jovem nordestino ter que começar a trabalhar mais cedo (Tabela 1).

Ao analisarem-se as regiões censitárias, percebe-se que havia mais jovens-adultos na região urbana no Sul do que no Nordeste. A urbanização mais vigorosa no Sul contribuiu para uma grande concentração populacional gerando economia na região, e atraindo trabalhadores de outras regiões, inclusive do Nordeste. Pode ser que com isso haja uma maior pressão demográfica, ocasionando problemas socioeconômicos, tais como elevadas taxas de desemprego em grupos vulneráveis e altos índices de violência (Cardoso et al., 2011).

A maioria dos jovens-adultos no Brasil têm ensino médio completo, ou seja, cerca de 48,39% do total. Esse padrão também é observado para os que residem nas regiões Sul (45,29%) e Nordeste (48,92%). Destaca-se a representação dos jovens-adultos com ensino superior, evidenciando que o Sul é a região que mais agrega os jovens mais qualificados.

Outro ponto a destacar é o fato de a parcela de jovens-adultos com ensinos fundamental e médio ser maior do que aqueles com graduação. Não somente, há diferenças educacionais notórias entre a proporção dos jovens nordestinos em relação aos jovens do Sul, principalmente quando observada a categoria do ensino fundamental em comparação aos graduados. Esses indicativos podem ser uma justificativa negativa das empresas ao selecionar os jovens-adultos

para vagas de emprego, visto que as exigências estão cada vez maiores em relação às questões educacionais (Tabela 1).

Do ponto de vista monetário, a maior parte dos jovens-adultos concentra-se nas classes sociais mais baixas (classes D e E), ou seja, o rendimento domiciliar é de até quatro salários mínimos. Os dados revelam significativas heterogeneidades regionais, visto que o Sul possui 52% dos jovens-adultos nessas classes, ao mesmo tempo que o Nordeste exhibe 82%. As disparidades regionais indicam a grande vulnerabilidade a que os jovens-adultos estão expostos no Nordeste (Tabela 1).

As taxas de inatividade, ocupação e desocupação são mais intensas entre os jovens com ensino médio, especialmente no Nordeste. A taxa de desocupação para os jovens com qualificação média (ensino médio) é maior no Nordeste (51,80%) do que no Sul (45,85%). O Nordeste apresenta 44,17% e 50,46% de taxa de inatividade e ocupação, respectivamente (Tabela 2). Reis e Camargo (2007) afirmam que a taxa de desemprego tende a concentrar-se principalmente no grupo de indivíduos semiquualificados, como os jovens-adultos com ensino médio.

Os jovens graduados apresentam a terceira maior taxa de desocupação quando comparados à taxa de desocupação dos jovens com ensino fundamental e médio (Tabela 2). Os dados refletem um cenário da economia nacional iniciado pela recessão de 2015, em que um grande contingente de trabalhadores, inclusive os qualificados, perderam seus postos de trabalho ou não asseguraram o primeiro emprego. Contudo, outros fatores elevam o número de jovens-adultos desempregados, como a origem social.

Tabela 2

Taxa de inatividade, ocupação e desocupação dos jovens-adultos por nível de qualificação em 2019 (%)

Escolaridade	Brasil			Sul			Nordeste		
	Inat.	Ocup.	Desoc.	Inat.	Ocup.	Desoc.	Inat.	Ocup.	Desoc.
Sem instrução	4,08	0,38	0,10	5,27	0,27	0,17	4,67	0,81	0,25
Fundamental	31,21	17,76	21,87	28,24	17,14	26,36	36,95	23,52	24,87
Médio	45,94	48,45	51,85	42,07	45,85	44,63	44,17	50,46	51,80
Superior	18,76	33,41	26,18	24,42	36,74	28,85	14,21	25,21	23,08

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados da PNAD-C anual de 2019.

Nota: Inativos (inat.); ocupados (ocup.); e desocupados (desoc.).

Por fim, diferentes motivos podem explicar as taxas de inatividade e desocupação dos jovens-adultos exibidas na Tabela 2. No geral, as principais causas foram: (1) não ter trabalho na localidade; (2) o indivíduo tinha que cuidar de afazeres domésticos, dos filhos ou de outros parentes. No Sul, a dedicação aos estudos também foi expressiva (17,35%), e o percentual do Nordeste foi muito inferior (4,74%). Tais dados evidenciam as disparidades regionais, indicando que no Sul grande parte dos jovens-adultos dedicam mais tempo aos estudos, enquanto os jovens-adultos nordestinos procuram trabalho, mas não havia postos na região (Tabela 3).

Tabela 3

Motivos por que os jovens-adultos não procuraram trabalho em 2019 (%)

Motivos	Brasil			Sul			Nordeste		
	Total	Homem	Mulher	Total	Homem	Mulher	Total	Homem	Mulher
Começar na semana	1,70	2,91	1,15	4,95	0,56	6,62	0,93	1,77	0,48
Esperando resposta	5,72	10,07	3,78	11,55	22,96	7,20	4,16	7,03	2,63
Não conseguia trabalho adequado	8,33	10,51	7,36	4,19	9,28	2,25	7,71	8,98	7,04
Sem experiência ou qualificação	2,42	2,64	2,33	–	–	–	2,61	3,08	2,36
Muito jovem ou muito idoso	0,26	0,57	0,13	–	–	–	0,33	0,46	0,26
Não havia trabalho	34,74	46,49	29,49	7,63	13,82	5,27	51,53	61,76	46,09
Afazeres domésticos e cuidar de familiares	27,95	1,74	39,65	42,05	1,50	57,51	19,92	0,55	30,23
Estava estudando	7,74	12,08	5,80	17,35	38,66	9,23	4,74	6,63	3,74
Problema de saúde ou gravidez	8,26	8,07	8,35	9,74	8,97	10,03	5,90	5,87	5,92
Outro motivo	2,88	4,91	1,97	2,55	4,26	1,89	2,17	3,88	1,26

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados da PNAD-C anual de 2019.

Estratificando por gênero, identifica-se outro padrão. No Sul, 61% dos homens não procuraram emprego porque estavam estudando ou estavam aguardando resposta de uma proposta de trabalho, ao mesmo tempo em que 61% dos homens nordestinos não trabalhavam porque não havia emprego na localidade. As mulheres sulistas listaram como os principais motivos os afazeres domésticos e cuidados com familiares (58%) e problemas de saúde ou gravidez (10%), enquanto as mulheres no Nordeste elencam a falta de trabalho na região (46%) e os trabalhos domésticos (30%) (Tabela 3).

Os dados corroboram a teoria sobre os arranjos familiares de Becker (1991), em que a mulher, devido ao seu padrão reprodutivo, destinaria seu tempo a funções domésticas e cuidados com os filhos. Já o homem destinaria sua energia e tempo à provisão do sustento familiar e outras atividades voltadas à produção e ao mercado de trabalho.

Os resultados da Tabela 3 ressaltam as heterogeneidades e deficiências pessoais e regionais. Em uma região mais dinâmica e desenvolvida, as justificativas para não trabalhar envolvem a dedicação aos estudos, ao domicílio e aos familiares, enquanto, em uma região menos desenvolvida e com a maior taxa de desemprego de 2019 (Ipeadata, 2020), a principal causa do desemprego dos jovens-adultos fundamenta-se na falta de trabalho no local (Tabela 3).

■ 3.2 Probabilidade de participação no mercado de trabalho do Brasil, no Sul e no Nordeste

A caracterização dos jovens-adultos no mercado de trabalho nacional e do Sul e do Nordeste permitiu traçar seu perfil de forma breve. As probabilidades de participação dos jovens-adultos (de 25 a 29 anos) no mercado de trabalho relacionadas às características particulares estão expostas na Tabela 3. Os resultados para o Brasil, o Sul e o Nordeste em 2019 são apresentados em RRR. A análise dos *odds-ratio* consiste em uma operação simples, na qual se obtém a porcentagem (probabilidade) de ser inativo ou desocupado. No modelo logístico multinomial, a categoria-base refere-se aos trabalhadores ocupados; com isso, esses indivíduos formam o grupo em vantagem em relação aos inativos e desocupados.

Tabela 4

Probabilidade de participação dos jovens-adultos no mercado de trabalho no Brasil, Sul e Nordeste, 2019

Variáveis	Brasil		Sul		Nordeste	
	Inativos	Desocupados	Inativos	Desocupados	Inativos	Desocupados
Mulher	5,0603*	1,8927*	5,1153*	2,3738*	5,3323*	1,9681*
Não branco	1,1493*	1,2173*	1,2237***	1,4489*	1,0629	1,3341*
Chefe	0,2717*	0,3497*	0,3359*	0,4173*	0,2407*	0,3218*
Cônjuge	0,3863*	0,3201*	0,3970*	0,3073*	0,3318*	0,3094*
Filho	1,8771*	1,0848	1,9288*	0,9793	1,7323*	1,0189
Experiência	0,9232***	1,0273	0,8008**	1,0550	0,8870**	0,9203
Experiência ²	1,0044*	0,9983	1,0099*	0,9949	1,0062*	1,0017
Urbano	0,6413*	1,7538*	0,8711	2,9769*	0,5579*	1,1894***
Classe A	0,0037*	0,0021*	0,0000*	0,0000*	0,0000*	0,0000*
Classe B	0,2836*	0,1449*	0,1640*	0,1313*	0,3916*	0,1635*
Classe C	0,2265*	0,2081*	0,2177*	0,1556*	0,2666*	0,2330*
Classe D	0,3700*	0,3591*	0,3870*	0,2891*	0,3779*	0,2786*
Fundamental	0,1843*	3,5510*	0,1286*	0,7811	0,4463*	2,8622**
Médio	0,1336*	3,2747*	0,1024*	0,4862	0,3017*	2,5885***
Superior	0,0952*	2,7663**	0,0690*	0,3364	0,2155*	2,2188
Constante	992,95*	32,24*	1,57e+08*	8,04e+06*	1,42E+08*	1,58e+08*
Teste de Wald	2.926,47		6.267,57		1.041,62	
Prob>chi2	0,0000		0,0000		0,0000	

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados da PNAD-C anual de 2019.

Notas: (1) Os valores dos coeficientes foram analisados com base na Equação (3) informada nos procedimentos metodológicos. (2) Nível de significância a 1% (*); nível de significância a 5% (**); e nível de significância a 10% (***). Os coeficientes sem asteriscos não foram estatisticamente significativos. (3) Para interpretar os resultados, foi utilizado $(odds-1) \times 100$, como exposto na metodologia.

As condições ocupacionais no mercado de trabalho para as jovens-adultas brasileiras são desfavoráveis, pois elas têm maior probabilidade de não ocupação em relação aos homens, inclusive apresentam maiores chances de estarem inativas. Esse padrão persiste para as regiões Sul e Nordeste, nas quais as mulheres nordestinas se destacam em uma posição de inatividade mais fragilizada;

enquanto as sulistas desocupadas têm menores probabilidades de serem absorvidas pelo mercado (Tabela 4).

As maiores taxas de inatividade para as mulheres, em relação aos homens, são explicadas pelo arranjo familiar, ou seja, pela necessidade de cuidar dos filhos, marido/companheiro ou outro membro familiar, assim como o trabalho doméstico (Tabela 3). Outro fator ligado à maior probabilidade de desocupação das jovens-adultas está relacionado à discriminação de gênero presenciada no mercado de trabalho em todas as regiões brasileiras (Faustino, 2017; Maia & Souza, 2019).

No que tange à cor de pele, os jovens-adultos não brancos têm maiores chances de estarem desocupados (21,73%) do que em inatividade (14,93%). As informações estimadas para as regiões Sul e Nordeste confirmam essa padronização, a qual reflete uma possível discriminação de cor de pele, uma vez que o mercado de trabalho não está absorvendo os indivíduos não brancos que persistem na busca por um emprego (Tabela 4). Ressalta-se que os inativos são conceituados pela não participação do mercado de trabalho, portanto eles não fazem parte da população economicamente ativa (PEA) (ocupados e desocupados), seja por questões de idade, estudos, ou até mesmo desistência de se inserir no mercado de trabalho.

As características particulares de gênero e cor de pele, ao influenciar na contratação dos jovens-adultos, sinalizam uma provável discriminação no mercado de trabalho. Contudo, a mulher está mais exposta a essas distinções do que o não branco, uma vez que suas probabilidades de não absorção são maiores (Tabela 4). Os dados encontrados condizem com a pesquisa de Silva e Kassouf (2002), na qual se observaram maiores probabilidades de desemprego e inatividade nos grupos femininos e não brancos.

Considerando-se a posição dos jovens-adultos na composição familiar, os chefes de família do domicílio têm mais chances de serem contratados do que os não chefes, conforme apontam as probabilidades negativas de inatividade e desocupação. Essa tendência pode ser identificada também para os cônjuges brasileiros e nas duas macrorregiões estudadas (Tabela 4).

Esse resultado pode estar relacionado ao esforço maior que os chefes e cônjuges fazem para buscar e manter um trabalho, tendo em vista que são, geralmente, os responsáveis pelo domicílio em que vivem. Devido à posição na família, eles necessitam flexibilizar a exigência do tipo de ocupação, às vezes não podendo dispor de um tempo maior para a procura de emprego com melhor colocação no mercado de trabalho e maior remuneração.

Todavia, há diferenciações nas probabilidades de inatividade dos jovens-adultos que são filhos dos chefes de família, porque, na região Sul, a razão de inatividade é maior do que na região Nordeste (Tabela 4). Os indícios são de que os sulistas tendem a ter um apoio econômico familiar que permite maior dedicação de tempo para sua preparação educacional, a fim de elevar as chances de conseguirem melhores empregos e salários (Tabela 3).

No mercado de trabalho, a experiência é um fator significativo e exigido nas vagas de emprego. Diante desse cenário, os jovens-adultos brasileiros que detinham alguma experiência têm suas probabilidades de estarem inativos reduzidas em 7,68% em relação aos jovens não experientes. Os jovens-adultos sulistas e os nordestinos apresentam menores chances de estarem inativos em -19,92% e -11,30%, respectivamente, comparativamente aos sem nenhuma experiência. O fato de a educação e a experiência colaborarem para aumentar as chances de conseguir um emprego são repercutidas nos argumentos da teoria do capital humano, que também apontam um aumento salarial por incrementos no nível educacional (Becker, 1957; Schultz, 1961).

Outro elemento que interfere na contratação dos jovens-adultos está relacionado à região censitária em que eles moram, sendo que aqueles residentes na área urbana têm as menores chances de estarem inativos do que aqueles que vivem na região rural. Esse padrão é visualizado em todas as análises e pode ser justificado pelas questões de deslocamentos até o trabalho, uma vez que na região urbana concentra-se o maior número de empresas, consequentemente, de vagas de emprego e há mais facilidade de locomoção. De forma esperada, os jovens-adultos urbanos têm mais chance de estarem desocupados (75,38%) no Brasil, e essa probabilidade aumenta para a região Sul (197,69%). Esse resultado também foi encontrado na pesquisa de Silva e Kassouf (2002), em que os dados mostraram tendência à redução das probabilidades de inatividade e ao aumento da probabilidade de desemprego dos jovens na região urbana.

Estratificando por classes sociais, verificou-se que todas as classes possuem menores chances de inatividade ou desemprego do que os indivíduos que se encontram na classe E, a qual é composta por aqueles que dispõem de rendimento domiciliar de até dois salários-mínimos (Tabela 4). Além disso, os jovens-adultos que estão nas classes mais abastadas, como A e B, possuem as menores probabilidades de inatividade e desemprego, apontando que as famílias com rendas maiores podem proporcionar a seus integrantes um suporte financeiro. Dessa forma, eles conseguem se dedicar de forma exclusiva à qualificação e ao treinamento profissional (Tabela 3), com objetivo de aumentar as chances de ocupar postos de trabalhos que demandam alto nível educacional e de competências e que oferecem elevadas remunerações.

No que concerne ao nível de qualificação dos jovens-adultos em todo o Brasil, verifica-se uma redução na probabilidade de estarem inativos conforme há aumentos no nível educacional. Nas regiões Sul e Nordeste também há um indicativo de uma tendência maior de inserção no mercado de trabalho em relação às evoluções educacionais.

Pela ótica do desemprego, o mercado de trabalho tende a absorver os indivíduos sem instrução, uma vez que eles podem ter um perfil não tão seletivo para as vagas de emprego, facilitando sua contratação. No entanto, aqueles que possuem ensino fundamental e médio têm probabilidades maiores de estarem desempregados, apontando a rigurosidade do mercado de trabalho diante das exigências educacionais. Ainda assim, o mercado de trabalho aparenta estar favorável para as pessoas de maior qualificação, pois as probabilidades de desocupação são reduzidas quando possuem um diploma de ensino superior (Tabela 4).

Os achados corroboram os trabalhos de Camargo e Reis (2005) e Cunha et al. (2011), os quais apontam que a escolaridade não somente aumenta os rendimentos, mas também reduz a probabilidade de inatividade e eleva as chances de ocupação. Destaca-se que os jovens-adultos com ensino médio elevaram a probabilidade de desemprego em 2019, ao passo que a literatura nacional mostra que trabalhadores com nível de qualificação intermediário começam a reduzir a probabilidade de estarem desocupados.

Em suma, os resultados da participação dos jovens-adultos no Brasil, Sul e Nordeste vão de encontro da literatura nacional. Destaca-se uma maior probabilidade de as jovens-adultas participarem das categorias referentes à inatividade e à desocupação, assim como ocorre com os jovens-adultos não brancos. Esses resultados, tendo foco no gênero e cor de pele, podem ser indícios de discriminação nos mercados de trabalho. A participação no mercado de trabalho daqueles que eram chefes, cônjuges ou filhos do responsável do domicílio foi corroborada pela literatura. Além disso, os jovens-adultos menos qualificados apresentaram maiores chances de estarem ocupados e os qualificados, maiores chances de estarem desocupados e inativos, seja por questões de estudos ou por falta de absorção do mercado de trabalho (Tabela 3).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como finalidade estimar e analisar a participação dos jovens-adultos no mercado de trabalho nacional e nas macrorregiões Sudeste

e Nordeste no ano de 2019. Para atender ao objetivo, foram estimadas três regressões logísticas multinomiais para os jovens com idade entre 25 e 29 anos, para o Brasil e as duas macrorregiões, a fim de obter as probabilidades de essa população estar inativa, ocupada ou desocupada.

O modelo econométrico logístico evidenciou que as probabilidades de os jovens-adultos estarem inativos ou desocupados são maiores do que em relação aos ocupados, especialmente nas análises em que os jovens-adultos eram mulheres ou não brancos. Tais resultados geram indícios de uma possível discriminação de gênero e cor da pele entre os jovens-adultos ao se inserirem no mercado de trabalho, a qual não pode ser confirmada pelo método utilizado.

A inatividade das mulheres em relação ao homem, em maioria, pode ser justificada pela falta de oportunidade e pelos afazeres domésticos. A rigidez do mercado e a conservação cultural do papel da mulher na sociedade dificultam a sua inserção no mercado de trabalho, pois, para ela se destacar profissionalmente, fazem-se necessários níveis de conhecimento e experiência superiores aos do homem. Enquanto o homem pode dedicar-se exclusivamente aos estudos, a mulher exerce outras atividades rotineiras que demandam tempo.

A respeito da cor da pele, verifica-se que as taxas de desocupação e inatividade da população não branca são superiores às dos brancos. Os indivíduos pardos e pretos tendem a ocupar postos com baixos salários e que demandam pouca qualificação. Mesmo com escolarização e profissionalização adequadas, os indivíduos não brancos enfrentam barreiras no mercado de trabalho, as quais não estão relacionadas à capacitação, o que gera a subutilização dessa mão de obra ou elevada taxa de desocupação.

Do ponto de vista da condição no domicílio, os jovens-adultos que ocupavam a posição de chefe ou cônjuge apresentaram maiores chances de estarem ocupados, enquanto ser filho do responsável do domicílio aumentou as chances de inatividade e desocupação, ao passo que reduziu as chances de ocupação. Quanto à posição no grupo familiar, os chefes e cônjuges, por possuírem maiores responsabilidades, podem ter sido estimulados na busca por colocação no mercado de trabalho de forma mais intensa do que aqueles que não possuíam as mesmas responsabilidades.

Os anos médios de experiência no trabalho e o nível de qualificação impactam na probabilidade de inserção nos mercados de forma distinta. À medida que os jovens-adultos adquiriam um ano adicional de experiência no mercado trabalho, a probabilidade média de estarem empregados ou desempregados aumentava, embora reduzisse a de inatividade. De fato, quando um indivíduo tem certa experiência no mercado de trabalho, a chance de ser inativo é menor,

enquanto tem mais chances de estar ocupado ou desocupado, porque faz parte da força de trabalho.

Esta pesquisa identificou que os jovens-adultos integrantes de famílias com rendas maiores, principalmente os de classes A e B, possuem as menores probabilidades de inatividade e desemprego em relação aos jovens-adultos da classe E. O fator tempo é extremamente importante para os jovens durante a sua qualificação profissional, pois a eficiência de suas capacitações depende de sua dedicação. No entanto, existem barreiras para aqueles que não possuem um suporte financeiro, já que gastam parte do seu tempo trabalhando para seu autossustento.

O grau educacional, conforme exposto na teoria do capital humano, possibilita ao indivíduo aberturas no mercado de trabalho, já que seu perfil profissional estará próximo aos requisitos para os cargos com melhores salários. No Brasil, Sul e Nordeste, os jovens-adultos com níveis educacionais elevados têm probabilidades menores de inatividade, apontando aspectos positivos para a participação dele no mercado de trabalho. Além disso, as probabilidades de desemprego indicam que o mercado de trabalho absorve mais os jovens-adultos com graduação do que aqueles que possuem apenas educação básica.

Em geral, os jovens-adultos que residem no Sul possuem mais chances de estarem desocupados ou inativos que aqueles que moram no Nordeste. Os suportes financeiro e educacional são os principais responsáveis por esses resultados, visto que a maioria dos jovens-adultos não trabalham porque se dedicam aos estudos ou a atividades domiciliares.

Por todos os aspectos apresentados neste estudo, cabe destacar a importância da participação dos jovens-adultos no mercado de trabalho em nível nacional e nas macrorregiões Sul e Nordeste. Esses jovens constituem um grupo pouco citado na literatura, mas representam umas das maiores taxas de desocupação, quando analisada por idade. Dessa forma, este trabalho teve como objetivo colaborar com a literatura nacional, na perspectiva de contribuir na elaboração de políticas públicas de inserção de jovens no mercado de trabalho. Destaca-se que as políticas devem ser voltadas não somente para os jovens-adultos, mas também devem ter como prioridade a inserção e a capacitação dos jovens a partir da idade mínima permitida para atividade laboral remunerada, conforme permite a legislação.

PARTICIPATION OF YOUNG ADULTS IN THE JOB MARKET: AN ANALYSIS FOR BRAZIL, SOUTH AND NORTHEAST, IN 2019

Abstract

This study aims to measure and analyze the probability of insertion of young adults in the labor market in Brazil, in the Southeast and in the Northeast. The microdata from the National Continuous Household Sample Survey (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio [Pnad-C]) of 2019 and the logit multinomial model were used to estimate the probabilities of young adults to be inactive, employed, or unemployed. The results showed that young adults are more likely to be inactive or unemployed are greater, especially women and non-whites. The educational degree provides the individual opportunities in the job market, especially in families with high incomes, since the young adults receive financial support for exclusive dedication to studies. Young adult from the Southeast, in general, have a higher chance of unemployment and inactivity than Northeasterners, as financial and educational support is more present in their homes.

Keywords: youth unemployment; unemployment; young; labor market; multinomial logit.

Referências

- Alawad A. S., Kreishan, F. & Selim, M. (2020). Determinants of youth unemployment: evidence from Jordan. *International Journal of Economics and Business Administration*, 8(4), 152–165.
- Becker, G. (1957). *The economics of discrimination*. The University of Chicago Press.
- Becker, G. S. (1991). *A treatise on the family*. Harvard University Press.
- Camargo, J. M., & Reis, M. C. (2005). Desemprego: o custo da desinformação. *Revista Brasileira de Economia*, 59(3), 381–542.
- Cardoso, E. J., Santos, M. J., & Carniello, M. F. (2011). *O processo de urbanização* [Apresentação de trabalho]. XI Encontro Latino-Americano de Pós-graduação, São José dos Campos.
- Castells, M., (1999). *A sociedade em rede*. Paz e Terra.
- Corseuil, C. H., Foguel, M., Gonzaga, G., & Ribeiro, E. P. (2013). A rotatividade dos jovens no mercado de trabalho formal brasileiro. *Boletim Mercado de Trabalho*, 55, 23.

- Cunha, D. A., Araújo, A. A., & Lima, J. E. (2011). Determinantes do desemprego e inatividade de jovens no Brasil metropolitano. *Revista de Economia e Agronegócio*, 9(3), 369–392.
- Dagume, M. A., & Gyekye, A. (2016). Determinants of youth unemployment in South Africa: evidence from the Vhembe district of Limpopo province. *Environmental Economics*, 7(4), 59–67.
- Faustino, I. A. (2017). *A mulher do século XXI no mercado de trabalho: uma abordagem das diferenças salariais por gênero e cor no Brasil e macrorregiões* [Dissertação de mestrado]. Universidade Estadual de Londrina.
- Fernandes, R., & Picchetti, P. (1999). Uma análise da estrutura do desemprego e da inatividade no Brasil metropolitano. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, 29(1), 87–112.
- Flori, P. M. (2003). *Desemprego de jovens: um estudo sobre dinâmica do mercado de trabalho juvenil brasileiro* [Dissertação de mestrado]. Universidade de São Paulo.
- Greene, W. (2017). *Econometric analysis* (7th. ed.). Pearson.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2019). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua*. <https://bit.ly/3iYye5V>
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). (2008). *Primeiras análises: educação, juventude, raça/cor*, 4(12). <https://bit.ly/3LGNhxE>
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). (2019). *Boletim Mercado de trabalho: Conjuntura e Análise*, (66). <https://bit.ly/3qYD73n>
- Ipeadata. (2020). *Base de Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada*. <http://www.ipeadata.gov.br>
- Lima, R. (1980). Mercado de trabalho: o capital humano e a teoria da segmentação. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, 10(1), 217–272.
- Maia, K., & Souza, S. C. I. (Orgs.). (2019). *Diferenças salariais e discriminação por gênero e cor nas regiões brasileiras*. Eduel.
- Mendonça, G. M., Lima, J. E., Lima, J. R. F., Liria, V. S., & Pereira, V. F. (2012). Determinantes da inserção de mulheres jovens no mercado de trabalho nordestino. *Revista de Economia do Nordeste*, 43(4), 161–174.
- Muls, L. (1999). *A teoria do capital humano, as teorias da segmentação e a literatura institucionalista: proposições de políticas públicas e implicações sobre distribuição de renda* [Apresentação de trabalho]. Encontro de Economia Política, Porto Alegre.
- Nadú, P. H. S. (2018). *Probabilidade de desemprego entre os jovens brasileiros de 2005 a 2015* [Dissertação de mestrado]. Universidade Estadual de Londrina.
- Nadú, P. H. S., Maia, K., Gomes, M. R., & Inforzato, S. C. (2018). Probabilidade de desemprego entre os jovens brasileiros em 2005 e 2015. *Ciências do Trabalho*, 12, 77–96.
- Ndagijimana, J., Nzasingizimana, T., & Heshmati, A. (2018). An analysis of the determinants of youth employment in Rwanda. *UKH Journal of Social Sciences*, 2(2), 1–10.

Organização Internacional do Trabalho (OIT). (2020). *Panorama laboral: América Latina y el Caribe*.
<https://bit.ly/3u3Nk0f>

Reis, M. C., & Camargo, J. M. (2007). Desemprego dos jovens no Brasil: os efeitos da estabilização da inflação em um mercado de trabalho com escassez de informação. *Revista Brasileira de Economia (RBE)*, 61(4), 493–518.

Rosa, T. M., Gonçalves, F. O., & Fernandes, A. S. (2014). *Estratificação socioeconômica: uma proposta a partir do consumo* [Apresentação de trabalho]. XIX Encontro Regional de Economia, Fortaleza.

Santos, A. L., & Gimenez, D. M. (2015). Inserção dos jovens no mercado de trabalho. *Estudos Avançados*, 29(85), 153–168.

Schultz, T. W. (1961). Investment in human capital. *American Economic Review*, 51(1), 1–17.

Silva, N. D. V., & Kassouf, A. L. (2002). A exclusão social dos jovens no mercado de trabalho brasileiro. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 19(2), 99–115.

Tomás, M. C., Oliveira, A. M. H. C., & Rios-Neto, E. L. G. (2008). Adiantamento do ingresso no mercado de trabalho sob o enfoque demográfico: uma análise das regiões metropolitanas brasileiras. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 25(1), 91–107.

Verd, J. M., Barranco, O., & Bolibar, M. (2019). Youth unemployment and employment trajectories in Spain during the Great Recession: what are the determinants? *Journal for Labour Market Research*, 53(4), 1–20.